

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Vinícius Meirelles de Oliveira

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO
MÉDIO
Da “esportivização” aos métodos “freirianos” nas aulas de Educação Física

Porto Alegre

2021

Vinícius Meirelles de Oliveira

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO
MÉDIO**

Da “esportivização” aos métodos “freirianos” nas aulas de Educação Física

**Monografia apresentada à Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Dança da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como pré-requisito para a conclusão do curso
de Licenciatura em Educação Física.**

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

DE OLIVEIRA, VINÍCIUS MEIRELLES
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO
ENSINO MÉDIO Da "esportivização" aos métodos
"freirianos" nas aulas de Educação Física / VINÍCIUS
MEIRELLES DE OLIVEIRA. -- 2021.
48 f.
Orientador: FABIANO BOSSLE.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Educação Física,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA. 2. PAULO FREIRE. 3.
ESPORTIVIZAÇÃO. 4. ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO. 5. RELATO
DE EXPERIÊNCIA. I. BOSSLE, FABIANO, orient. II.
Título.

Vinícius Meirelles de Oliveira

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO
MÉDIO**

Da esportivização aos métodos “freirianos” nas aulas de Educação Física

Trabalho de conclusão de graduação apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovado (a) em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Avaliador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha vó Dalva (in memorian) com todo amor do mundo e gratidão.

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos.

Dedico este trabalho a todos meus familiares, minha namorada, amigos e professores que me acompanham durante todo o processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Daniel e Clarice por tudo que me ensinaram, por tudo que vocês representam pra mim e por nunca deixaram de acreditar na realização deste momento.

Agradeço aos meus irmãos Vanessa Melissa, Wagner e Vitor, por toda parceria e por toda nossa união.

Agradeço a minha namorada Ana Elisa por estar ao meu lado, por todo amor e parceria para realização deste momento.

Agradeço ao meu avô José e minha avó Dalva (in memoriam) por tudo que me ensinaram

Agradeço aos meus “Dindos”, tios, primos e demais familiares.

Agradeço aos meus amigos de infância Henrique Hahn e Anna Bennech (Nanny) por nossa amizade de tantos anos e todos os conselhos.

Agradeço aos amigos que tornaram este caminho durante a graduação bem mais tranquilo: Cauê Soares, Lucas Moraes, Rafael Litran, Richter Mello, Tiago Silva e Vinícius Picetti.

Agradeço aos amigos do “Toda Infra”: Jorge William Lemos, Bruno Gazola, Jorge Santos, Felipe Pires e Vinícius Lima.

Agradeço a todos os professores da graduação, principalmente ao professor Fabiano Bossle por aceitar o desafio de orientar este trabalho e a todos os professores que tive em toda minha vida pela troca de conhecimento.

Agradeço a professora Dulce que é peça fundamental para construção deste trabalho, agradecer por todo carinho, receptividade e por todos os ensinamentos.

Agradeço a minha dupla de estágio Franciane Affonso que construiu e viveu comigo todos os processos do estágio que se tornou o tema central deste trabalho de conclusão.

Agradecer a todos listados por contribuírem de alguma forma para eu chegar até aqui.

Gratidão! Amo todos vocês.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda às pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante a disciplina de estágio de docência no ensino médio, do curso de Educação Física em Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), descrevendo o desenvolvimento das aulas que iniciaram com a metodologia “esportivista” da Educação Física para o processo da utilização dos métodos “freirianos” como mecanismos de aprendizagem em uma construção em conjunto com os alunos durante as aulas de Educação Física. A metodologia aplicada foi descritiva, analítica e reflexiva, limitando-se à descrição dos fatos, submetendo-se a uma reflexão teórica. Os diários de campo foram utilizados como registros das atividades realizadas dos quais foram retiradas as análises, reflexões e comentários sobre todo o processo do estágio. O estágio de docência no ensino médio ocorreu com duas turmas de primeiro ano do ensino médio na escola estadual Instituto Estadual Rio Branco localizado próximo da região central da cidade de Porto Alegre. O estágio foi realizado em dupla, sendo realizada a docência compartilhada com a colega de graduação Franciane Affonso. O período de estágio perdurou de março até julho de 2019. A proposta inicial de abordagem pedagógica para o estágio foi seguir a linha “esportivista” utilizando os esportes handebol e futebol como conteúdo principal para compreensão e ajustes nos gestos motores específicos de cada esporte, ou seja, seguiríamos a linha tecnicista. Entretanto, após conhecermos as turmas, foi abordada uma proposta de construção conjunta entre professores e alunos com intuito de pôr em prática os métodos de Paulo Freire de uma educação libertadora é uma criação conjunta sobre as interações sociais dentro e fora da escola sobre temas intrínsecos da sociedade como homofobia, machismo, feminismo e racismo. Durante o processo trabalhamos a autonomia dos alunos e demos o lugar de fala para que pudessemos trabalhar em cima das demandas que cada turma necessitava naquele momento. Todas as experiências vivenciadas demonstram como esta desconstrução dos esportes nortearem as aulas de Educação Física pode ser auxiliada com os métodos freirianos ao compreender como professor que é necessário ouvir dos alunos (as) como construir uma metodologia de aprendizagem adequada a realidade da escola e o contexto social intrínseco nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física, Esporte na escola, Esportivização, Métodos Freirianos Paulo Freire;

Abstract

The objective of this work is to report the experiences lived during the discipline of teaching internship in high school, in the Physical Education course at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), describing the development of classes that began with the "sportivist" methodology of Physical Education for the process of using "Freirian" methods as learning mechanisms in a joint construction with students during Physical Education classes. The methodology applied was descriptive, analytical and reflexive, limiting itself to the description of facts, subjecting itself to a theoretical reflection. The field diaries were used as records of the activities carried out from which the analyses, reflections and comments about the whole internship process were taken. The teaching internship in high school took place with two first year high school classes at the Instituto Estadual Rio Branco, a state school located near the central region of Porto Alegre. The internship was carried out as a pair, and the teaching was shared with Franciane Affonso, an undergraduate student. The internship period lasted from March to July 2019. The initial proposal of pedagogical approach for the internship was to follow the "sportivist" line using the handball and soccer sports as main content for understanding and adjustments in motor gestures specific to each sport, i.e., we would follow the technical line. However, after getting to know the classes, a proposal was made for joint construction between teachers and students with the intention of putting into practice Paulo Freire's methods of a liberating education and a joint creation about the social interactions inside and outside the school about society's intrinsic themes such as homophobia, sexism, feminism, and racism. During the process we worked on the students' autonomy and gave them a place to speak so that we could work on the demands that each class needed at that moment. All the lived experiences show how this deconstruction of sports to guide Physical Education classes can be helped with the Freirian methods when understanding as a teacher that it is necessary to hear from the students how to build a learning methodology appropriate to the reality of the school and the social context intrinsic to Physical Education classes.

Keywords: Physical Education, Sport at school, Esportivization, Paulo Freire's Freirian Methods;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1.	Educação Física escolar no Brasil	12
1.2.	Educação física no ensino médio - Documentos orientadores	16
2	METODOLOGIA	18
3	ESTÁGIO	19
4	REFERENCIAL TEÓRICO	21
5	RELATO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	22
5.1.	Diagnóstico da escola e observação das turmas.....	22
5.2 –	A “esportivização” nas aulas de Educação Física.....	26
5.2	Métodos Freirianos	32
5.3.	Lugar de fala	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICE A	45

LISTAS DE TABELAS

Quadro 1- Dados Gerais do Instituto Estadual Rio Branco	23
Quadro 2- Infraestrutura (dependências) do Instituto Estadual Rio Branco.....	23
Quadro 3- Equipamentos do Instituto Estadual Rio Branco	24
Quadro 4- Computadores e Internet do Instituto Estadual Rio Branco.....	24
Quadro 5- Principais Motivos para Auto- Exclusão das Alunas do Ensino Médio nas Aulas de Educação Física Escolar	33
Quadro 6- Sugestões das Alunas para que as Aulas de Educação Física Despertem o seu Interesse	34

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

RCG - Referencial Curricular Gaúcho

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP- Universidade Estadual de São Paulo

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar no Brasil desde 1996 a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº9394 de 20 de Dezembro) é apresentada como um componente curricular obrigatório em todos os níveis de ensino, mas nem sempre foi assim. A história da Educação Física já passou por diversas fases e tendências para tentar definir qual o seu papel no âmbito escolar.

Atualmente na área da Educação Física, diversas concepções coexistem e divergem sobre qual é o real papel da educação física na escola. Dentro destas concepções é visível o aumento de produções/movimentos com uma ideia em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

“Entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.” (BRASIL, 2016)

A construção do tema de pesquisa deste trabalho foi sendo idealizada a partir de diversas discussões e interações com colegas de graduação sobre a temática das abordagens e metodologias de ensino dentro do âmbito escolar na educação física no ensino médio que ocorreram no segundo semestre de 2018, na disciplina de Fundamentos da Educação Física no Ensino Médio, ministrada pelo professor Fabiano Bossle. Dentro das diversas perspectivas apresentadas na disciplina alguns questionamentos permaneceram, sendo o principal deles a forte influência do esporte nas aulas de Educação Física principalmente com as evidências de estudos e vivências dentro e fora da graduação sendo, às vezes, colocado como conteúdo principal das aulas.

Conforme Betti (1999, p.25-31), define que existe o movimento dos professores para utilizar o esporte em suas aulas de educação física:

“O esporte é o meio mais utilizado pelos professores para aplicar a Educação Física na escola, valendo-se apenas do famoso “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, basquete e handebol), deixando de lado outras modalidades como a dança e a ginástica artística.”.

A educação física escolar faz parte da educação básica que é composta por três níveis de ensino: ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio. Sendo que o ensino médio contempla a última etapa da educação básica tendo uma duração mínima de três anos. A finalidade do Ensino Médio, segundo a LDB 9394/96, em seu ART. 35º é a seguinte:

“I- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;”

“II- a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamentos posteriores;”

“III- o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;”

“IV- a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.”.

No primeiro semestre de 2019 ao ingressar na disciplina de estágio de docência no ensino médio, compartilhando com a colega de graduação Franciane Affonso a docência compartilhada, percebemos as dificuldades da docência proporcionada no ambiente escolar no estágio, tanto na parte de planejamento como na parte prática. A escola escolhida para a realização do estágio obrigatório foi o Instituto Estadual Rio Branco, localizada na Avenida Protásio Alves no bairro Santa Cecília em Porto Alegre, acompanhado pelo professor e orientador da disciplina de estágio no ensino médio Fabiano Bossle e pela professora de Educação Física da escola Dulcemara Oliveira, fomos apresentados para as duas turmas de primeiro ano do ensino médio das quais trabalhamos durante o estágio ministrando as aulas de Educação Física durante quatro meses.

O processo de estágio durante esses quatro meses pode ser relatado em três partes principais: a **“esportivização” nas aulas de educação física, métodos freirianos e lugar de fala dos alunos (as)**. A primeira etapa do estágio, principalmente nas primeiras aulas, quando ainda não existia um vínculo entre os professores estagiários com as turmas, o conteúdo principal das nossas aulas foi à utilização do esporte, seguindo uma cartilha que ao longo da graduação sempre questionamos a estrutura das aulas com o famoso “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, basquete e handebol), corroborando com Betti (1999), até por insegurança da nossa parte de não conhecermos como era o trabalho realizado na escola, não conhecermos que eram os nossos alunos, não conhecermos a trajetória de cada um em relação ao seu processo nas aulas de educação física do ensino fundamental para o ensino médio e, além disso, o receio da aceitação de mudar o padrão de aula dentro de uma escola dentro de um estágio que é um período curto de experiência.

A segunda etapa do estágio se dá pelo diálogo com os alunos e do primeiro trabalho de auto avaliação dos alunos sobre suas vivências nas aulas de educação física escolar ao longo de todas as etapas da educação básica. As respostas que tivemos fez com que reformulamos todo o nosso planejamento de aulas e compreensão do contexto que a instituição se encontrava, o momento em que os alunos se encontravam e que tipo de abordagem nós como professores teríamos que ter para proporcionar um ambiente onde a troca de conhecimento não estivesse centralizada nos professores e sim nas demandas dos alunos. Através dessa reformulação achamos nos **métodos de Paulo Freire**, que descrevo neste trabalho como **“métodos freirianos”**, o nosso referencial teórico, principalmente as metodologias citadas em suas duas obras: *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia- Saberes Necessários à Prática Educativa*, que melhor nos conduziu para desenvolvermos uma abordagem pedagógica que nos forneceu um ambiente favorável para desenvolver o pensamento crítico dos alunos, autonomia e interações sociais sobre o contexto dos assuntos que permeiam a sociedade em que vivemos.

Conforme Paulo Freire (2005, p. 97):

“A educação autêntica, repitamos não se faz de A para B ou de A sobre B, mas e A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns a outros, originando visões ou ponto de vista sobre ele.”

A terceira etapa é a constatação como é importante o **lugar de fala dos alunos** e adequar os planos de aula com a realidade dos mesmos e respeitar e identificar a peculiaridade de cada escola, pois a docência me trouxe várias respostas e inúmeras indagações a respeito do meu processo de formação como professor de Educação Física, abordagens pedagógicas que podem ser utilizadas e como os alunos colaboram nesta construção de troca de conhecimentos no âmbito escolar e o estágio me proporcionou a vivência neste ambiente “real”. O vínculo com os alunos proporcionou termos uma relação de construção coletiva do planejamento de aulas (inclusão de debates e rodas de conversa sobre contexto de assuntos como racismo, feminismo, machismo, homofobia entre outros), conversas sobre questões da vida dos alunos fora do ambiente escolar e compreensão de como cada aluno adquire e compartilha o conhecimento com o outro quando se sente pertencente naquele local.

Conforme Djamila Ribeiro (2017, pág.88):

“Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade.”

Nas Considerações Finais apresento os aspectos mais relevantes dessa trajetória no estágio docente. Tendo em vista que os relatos de intervenção pedagógica na Educação Física são um ambiente com diversas possibilidades e experiências, ao relatar os benefícios da inclusão e os resultados dos métodos freirianos nas aulas de Educação Física pretendo incentivar a reflexão e discussão dessa possibilidade de atuação dos estudantes de Educação Física em seu processo de formação e professores que atuam nas escolas que confiam no modelo “esportivista” como conteúdo principal de suas aulas.

1.1. Educação Física escolar no Brasil

Para o desenvolvimento do assunto central deste trabalho é importante analisar as fases transitórias e tendências que a Educação Física no âmbito escolar percorreu até os dias atuais, através da forte influência político-social de cada época da sociedade brasileira.

A Educação Física no Brasil já passou por diversas fases e correntes para chegar à Educação física que entendemos hoje, tendo o seu contexto adequado à época e se desenvolvendo no Brasil a partir de importantes mudanças político-sociais e que atualmente é vista como um elemento essencial para a formação do cidadão Brasileiro.

Neste contexto cito o trabalho de Soares (2012), que analisam as fases importantes para o desenvolvimento da Educação Física no Brasil, em um contexto histórico sendo divididas da seguinte maneira: **Brasil colônia, de 1500 a 1822; Brasil império, de 1822 a 1889; Brasil república, de 1890 a 1946; Brasil contemporâneo, de 1946 a 1980; Educação Física na atualidade, a partir de 1980.** Cada fase possui suas peculiaridades para o desenvolvimento da EFI de acordo com o contexto da político-social no período específico como veremos a seguir:

A fase do **Brasil colônia, de 1500 a 1822:** caracteriza-se por identificar as atividades físicas de índios e escravos no Brasil como os primeiros elementos da Educação Física no Brasil. De acordo com Gutierrez (1972), as práticas relacionadas a atividades físicas pelos indígenas neste período tinham relação com aspectos primitivos, questões de ações naturais como, por exemplo: a caça, a pesca, o nado e locomoção e brincadeiras dentro da sua comunidade. Em outros aspectos, destacam-se o desenvolvimento das atividades para aprimorar questões de utilidade como o aprimoramento das atividades de caça e agricultura. Outros destaques que se encaixam como atividades físicas são as manifestações de atividades de combate sendo aprimoradas para possíveis guerras para proteção de suas terras e por fim as

atividades recreativas e manifestações religiosas que se encaixam nos rituais de agradecimento aos deuses, festas e em suas danças.

De acordo com o autor Ramos (1982), ainda no período colonial, começa o desenvolvimento da capoeira principalmente no Rio de Janeiro e na Bahia, dentro das senzalas pelos escravos, vista como uma “atividade ríspida”, criativa e rítmica.

Na fase do **Brasil Império de 1822 a 1889**, caracteriza-se pela realização da Reforma de Couto Ferraz em 1851, mas que se torna efetiva a partir do parecer sobre a Reforma do ensino “Primário, Secundário e Superior” de Rui Barbosa em 1822. Em seu parecer, Rui Barbosa trazia a defesa da utilização da Ginástica como mecanismo essencial para formação do cidadão brasileiro, através da utilização da argumentação do ponto de vista sobre as visões políticas de países mais avançados na época, que já estavam valorizando a Ginástica na formação dos seus cidadãos. Sendo esse um grande passo para o início oficial da Educação Física na escola, ainda identificada como ginástica. (Ramos, 1982).

Na fase do **Brasil república, de 1890 a 1946**: caracteriza-se pela movimentação para outros estados realizando suas reformas educacionais e inclusão da Ginástica na escola, criação de leis tornando a Educação Física obrigatória e mudança de perspectiva da Educação Física (eugênica, higienista e militarista), ocorre neste período à fase dita como período “ginástico” com forte influência dos modelos europeus (escolas sueca, alemã e francesa).

Seguindo os resultados achados por Ghiraldelli (1998, pág. 17) as tendências e correntes foram caracterizadas da seguinte forma: da Educação Física Higienista:

“[...] a ênfase em relação à questão da saúde está em primeiro plano. Para tal concepção, cabe à Educação Física um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação.”

E a tendência militarista conforme Ghiraldelli (1998 pág. 18):

“Todavia, o objetivo fundamental da Educação Física Militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Para tal concepção, a Educação Física deve ser suficientemente rígida para “elevar a Nação” à condição de “servidora e defensora da Pátria”.”

Na fase **Brasil contemporâneo, de 1946 a 1980** caracteriza-se pelo período da ditadura no Brasil em 1964 com o governo comandado por militares as escolas tornaram-se parte do programa do regime militar. O governo militar utilizou a educação física como seu trunfo para atingir vitórias em competições esportivas de prestígio, fomentando o desenvolver da ideia do “esportivismo” como uma cortina de fumaça para evitar críticas internas.

Por forte influência das escolas sueca, alemã e francesa, no intuito de sistematizar a ginástica dentro da escola brasileira, surgem os métodos ginásticos. Nesta época a Educação Física começou a ser vinculada a uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, na qual o exercício físico deveria ser utilizado para aquisição e manutenção da higiene física e moral (Higienismo), preparando os indivíduos fisicamente para o combate militar (Militarismo). (Darido e Rangel, 2005 apud Soares 2012).

A última fase neste breve contexto histórico da **Educação Física são alguns acontecimentos a partir de 1980 até a fase atual** que a mesma se encontra.

A década de 1980 é marcada pelo aumento de movimentos críticos em relação à predominância dos conteúdos esportivos. As concepções voltadas a romper com o modelo esportivista mecanicista e tradicional foram se disseminando em busca da “eterna” procura de modelo e abordagem ideal para entender o papel da Educação Física escolar, mas ao mesmo tempo foram se diferenciando e aumentando conforme o tempo, alguns exemplos de concepções que se destacaram são: psicomotricidade, desenvolvimentista, saúde renovada, críticas.

A Educação Física nesses tantos momentos de transição se tornou mais diversa em suas concepções, modelos, tendências ou/e abordagens. Entre essas diferentes concepções pedagógicas pode se destacar: a psicomotricidade; desenvolvimentista; saúde renovada; críticas; e mais recentemente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil., 1997).

A psicomotricidade de acordo com Soares (2012) destaca-se por ser o primeiro movimento articulado a partir da década de 1970, em oposição aos modelos pedagógicos anteriores. O objetivo do desenvolvimento psicomotor, acima dos limites biológicos e de rendimento corporal, incluindo e valorizando o conhecimento de ordem psicológica. Para isso, a criança deve ser constantemente estimulada a desenvolver sua lateralidade, consciência corporal e a coordenação motora . Entretanto, a abordagem pedagógica valorizava “o fazer pelo fazer”, não priorizando o “porquê de se fazer” e “como o fazer”. A abordagem inicialmente teve sua divulgação em programas de escolas “especiais”, voltada para o atendimento de alunos com deficiência motora e intelectual.

O modelo desenvolvimentista caracteriza-se pela busca de proporcionar aos alunos condições para desenvolver o comportamento motor, através de experiências de movimentos adequados às diferentes faixas etárias. O modelo pedagógico desta abordagem faz com que o

papel dos professores tenha que desempenhar uma observação sistemática do comportamento motor dos alunos, no sentido de avaliar as fases de desenvolvimento motor que seus alunos se encontram, ficando atento aos erros para poder e ofertar as orientações adequadas para superá-los. (Soares, 2012)

A perspectiva pedagógica da saúde renovada, diferentemente das citadas anteriormente, tem por finalidade ressaltar os aspectos conceituais acerca da importância de se conhecer, adotar e seguir conceitos relacionados à aquisição de uma boa saúde. (Soares, 2012)

Nas abordagens pedagógicas críticas, os conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física devem proporcionar a leitura da realidade do ponto de vista da classe trabalhadora. O papel da Educação Física é entendido com objetivo de promover o conhecimento da cultura corporal dentro de temas, como o jogo, as brincadeiras, a ginástica, a dança, o esporte, etc., e aproxima estes conteúdos através de relações com os principais problemas sociais e políticos vivenciados pelos indivíduos. (Soares, 2012).

Em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental finalmente é publicado, documento extenso tem como prioridade a proposta de reorientação curricular para os anos finais do ensino fundamental, tendo sua elaboração realizada pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC.(Brasil, 1998). A Educação Física no Brasil se desenvolveu a partir de importantes mudanças político-sociais, tendo fortes influências governamentais alterando o seu papel na formação do cidadão brasileiro.

Em relação ao momento atual da Educação Física é importante à interpretação e posicionamento dos documentos orientadores sobre as correntes da educação física, temos o posicionamento do Referencial Curricular Gaúcho (2018) que foi escrito com embasamento dos princípios da Constituição Federal (BRASIL, 1988), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) e, sobretudo, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017).

Em relação ao estigma da educação física o Referencial Gaúcho (2018) faz as seguintes constatações:

“Pelo menos desde o início da década de 80 do século XX, a Educação Física tem tentado se livrar do estigma de uma disciplina meramente prática, na qual os alunos não têm o que estudar. Esta imagem foi legitimada durante o longo

período de vigência do Decreto nº 69.450/71, publicado no auge da ditadura militar em 1971, que tratava a Educação Física como uma atividade escolar destinada ao desenvolvimento da aptidão física.”

Em relação à consolidação da Educação Física como componente curricular na escola, a entrada da educação física na área de linguagens, no entendimento de exercer o papel na linguagem corporal:

“A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) e, posteriormente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) contribuíram para a consolidação da educação física como componente curricular da escola básica”.

“Apesar das controvérsias em torno da LDB e dos PCN, não há como negar a importância destes documentos na consolidação da cultura corporal de movimento como objeto de estudo da Educação Física. Neles fica claro que, tornar os alunos fisicamente aptos, não deve mais ser a principal finalidade dessa disciplina na escola, e sim levar os estudantes a experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais sistematizadas, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e contraditórias.”

A inserção da Educação Física na área de Linguagens:

“Esta configuração propiciou a inserção da Educação Física na área das Linguagens e Códigos, juntamente com Artes, Literatura, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna, e trouxe mais desafios à organização curricular desta disciplina nos ensino fundamental e médio.”

“De um modo geral, ela aí se justifica pelo uso da linguagem corporal, sem dúvida um elemento central no processo de interação dos alunos com a cultura corporal de movimento. No entanto, o conhecimento específico da Educação Física, assim como o Teatro e a Dança, não se limita ao estudo das formas de se expressar e se comunicar corporalmente. A linguagem corporal é um dos temas que a Educação Física compartilha com as demais matérias de ensino da área das Linguagens e Códigos, mas não pode ser entendida como o elemento fundamental de estudo desta disciplina específica.”

1.2. Educação física no ensino médio - Documentos orientadores

Após no capítulo anterior discutimos alguns dos movimentos transitórios e tendências da educação física brasileira, este capítulo trata se das concepções definidas para o ensino médio, que foi a etapa de ensino do qual ocorreu o estágio docente relatado neste trabalho. Os documentos normativos escolhidos para entendermos como é orientada a docência da educação física nesta etapa de ensino foram: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetro Curricular Nacional (PCN) e Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

A Base Nacional Comum Curricular é um documento obrigatório, serve como um documento norteador que determina os conhecimentos essenciais que os estudantes da Educação Básica devem aprender. Todos os currículos de todas as redes, tanto pública como rede privada do país, devem conter esses conteúdos. A BNCC foi homologada no ano de 2017

contemplando o Ensino Infantil e Ensino Fundamental, mas a BNCC para o Ensino Médio foi divulgada no dia 3 de abril de 2018.

De acordo com a BNCC o docente deve ter como objetivo que os estudantes sejam “desafiados a refletir” e realizem um “aprofundamento de seus conhecimentos sobre as potencialidades e os limites do seu corpo”, e ainda reforça:

“É importante também que eles possam refletir sobre as possibilidades de utilização dos espaços públicos e privados que frequentam para desenvolvimento de práticas corporais, inclusive as aprendidas na escola, de modo a exercer sua cidadania e seu protagonismo comunitário.” (Brasil, 2018)

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) são diretrizes separadas elaboradas pelo governo federal, mas não obrigatórias por lei. As diretrizes do PCNs visam dar subsídios para orientar a elaboração ou revisões curriculares. Os PCNs foram homologados em 1998, mas os PCNs focados no Ensino Médio foram homologados somente em 2000.

De acordo com Parâmetro Curricular Nacional (PCNs):

“Aproximar o aluno do Ensino Médio novamente à Educação Física, de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos, é o objetivo do que aqui será exposto.”.

“Pensando na continuidade de que foi desenvolvido no Ensino Fundamental podemos constatar uma forte inclinação ao trabalho com os esportes e, principalmente, a mesma metodologia de ensino – a execução de fundamentos, seguida de vivências de situações de jogo.”. (Brasil, 2000)

O documento Referencial Curricular Gaúcho (RCG) criado em 2018 com intuito de ser um documento orientador para construção do currículo nas escolas do Rio Grande do Sul em sua primeira versão viabilizando as peculiaridades locais que tange às questões curriculares.

Em relação à Educação Física o Referencial Curricular Gaúcho (2018) afirma:

“O Referencial Curricular da Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul sistematiza um conjunto de competências e conteúdos que esta matéria de ensino se encarrega de tratar. É um esforço de explicitação dos saberes considerados fundamentais neste campo, organizados com a intenção de auxiliar no planejamento e na implantação de propostas de ensino que favoreçam o processo de apropriação, problematização e uso criativo por parte dos alunos do que ali está sugerido. O Referencial é um ponto de apoio, e não um texto substitutivo, ao processo de elaboração dos planos de estudo de cada instituição.”

Importante salientar que o Referencial Curricular Gaúcho (2018) no ano de 2020, está elaborando a partir da consulta pública o Referencial Curricular Gaúcho - Novo Ensino Médio:

“O Referencial Curricular Gaúcho para o Ensino Médio, a fim de atender a esse novo modelo de aprendizagem, está sendo elaborado a partir das orientações de um conjunto de documentos oficiais norteadores da reforma do Ensino Médio, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Base Nacional Comum Curricular, Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio (DCNEM) e Lei 13.415/2017. Nesse ínterim, os documentos oficiais sobre o Novo Ensino Médio foram seguidos considerando-se as especificidades das juventudes do estado do Rio Grande do Sul.” (RCG, 2020)

“A Educação Física, enquanto componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias deve possibilitar aos estudantes a apropriação crítica da Cultura Corporal de Movimento que é vivida e compartilhada pelas juventudes, tendo como ponto de partida o diálogo, o tensionamento e a vivência das práticas corporais, dos sentidos e dos significados por ela atribuídos, levando em consideração todo o aparato cultural e de movimento que possam contribuir para desenvolver as habilidades e competências da área” (RCG, 2020)

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência construído a partir da disciplina de Estágio Docência em Ensino Médio, o estágio ocorreu com duas turmas de 1º ano do ensino médio na escola pública Instituto Estadual Rio Branco localizado no bairro Santa Cecília, próximo da região central da cidade de Porto Alegre, o que facilitava geograficamente que as duas turmas tivessem estudantes de vários bairros distantes da zona central da cidade de Porto Alegre e até estudantes vindos de cidades vizinhas que contemplam a denominada Região Metropolitana, devido aos terminais de ônibus que percorrem os bairros mais distantes são na região central de Porto Alegre.

O estágio foi realizado em dupla, sendo realizada a docência compartilhada com a colega de graduação Franciane Affonso, as aulas foram ministradas no turno da manhã, durante um período de 50 minutos para cada turma, todas as quartas-feiras (exceto feriados e eventos escolares), sendo o primeiro período iniciando às 7 horas 30 minutos até às 9 horas e 10 minutos com a turma 102 e em seguida, das 9 horas e 10 minutos até às 10 horas com a turma 101.

A metodologia aplicada foi descritiva, analítica e reflexiva, limitando-se à descrição dos fatos, submetendo-se a uma reflexão teórica. Os planos de aula e os diários de campo foram utilizados como registros das atividades realizadas dos quais foram retiradas as análises, reflexões e comentários sobre todo o processo do estágio.

As turmas eram formadas por aproximadamente 40 alunos, dos quais alguns alunos conciliavam a escola com trabalho. Durante todo o processo estivemos acompanhados e orientados diariamente pela professora de Educação Física da escola, Dulcemara Oliveira, carinhosamente chamada de “professora Dulce”, e também éramos orientados e avaliados, em encontros semanais para avaliarmos junto como estava o processo do estágio docente, pelo professor responsável pela disciplina do estágio docente no Ensino Médio, Fabiano Bossle.

A proposta inicial de abordagem pedagógica para o estágio foi seguir a linha “esportivista”, a Educação Física dita como “tradicional”, utilizando os esportes handebol e futebol como conteúdo principal para compreensão e ajustes nos gestos motores específicos de cada esporte, ou seja, seguiríamos a linha tecnicista. Entretanto, após conhecermos as turmas, foi abordada uma proposta de construção conjunta entre professores e alunos com intuito de pôr em prática os métodos de Paulo Freire de uma educação libertadora é uma criação conjunta sobre as interações sociais dentro e fora da escola sobre temas intrínsecos da sociedade como homofobia, machismo, feminismo e racismo. Em relação à escola era visível o compromisso do corpo docente, coordenação e direção para manter uma organização e adequação da realidade através de uma escola democrática que promove a autonomia, preocupando-se e trabalhando na formação de valores para estruturação da personalidade e respeito às diferenças em toda sua diversidade.

Durante o processo trabalhamos a autonomia dos alunos e demos o lugar de fala para que pudessemos trabalhar em cima das demandas que cada turma necessitava naquele momento. O processo de avaliação dos alunos se deu pela análise da progressão individual de cada um, aliado à participação e colaboração em aula e nos trabalhos construídos juntos. Todas as experiências vivenciadas demonstram como esta desconstrução dos esportes nortear as aulas de Educação Física pode ser auxiliada com os métodos freirianos ao compreender como professor que é necessário ouvir dos alunos (as) como construir uma metodologia de aprendizagem adequada à realidade da escola e o contexto social intrínseco nas aulas de Educação Física.

3 ESTÁGIO

O Estágio de Docência no Curso de licenciatura em Educação Física é um dos momentos da graduação fundamental para formação, pois para muitos alunos dentro da graduação, é o momento de oportunizar o exercício da prática docente no âmbito escolar nas três fases de ensino: infantil, fundamental e médio. O estágio contempla o momento de

colocar em prática conceitos teóricos e práticos aprendidos dentro da graduação e suas experiências a favor do processo de docência, mudando de lugar de aluno e exercendo o papel do professor que ainda está em formação.

O estágio faz parte da etapa final da graduação em Licenciatura e faz parte da grade curricular conforme a Lei nº 1178 do ano de 2008:

”Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” (Brasil,2008)

O estágio é uma experiência que além de oportunizar a questão prática da docência dentro da realidade escolar deve proporcionar ao estagiário uma experiência reflexiva sobre as respostas obtidas dentro desta atmosfera escolar na qual o estudante é inserido. Estas concepções são reforçadas pelos dizeres na SÚMULA do Estágio de docência de Educação Física no Ensino Médio:

(Em http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=314 acesso em 31/04/2021).

“Oportuniza aos estudantes a efetiva experiência de planejamento e de docência em Educação Física junto a jovens matriculados no Ensino Médio. Discute a atuação docente do professor de Educação Física neste nível de ensino. Instiga reflexões referentes às competências do professor do Ensino Médio.”

Apesar de ser uma experiência no âmbito escolar, o estágio possui certas diferenças do ensino regular, por exemplo, a docência compartilhada. Diferentes da prática regular, no estágio, trabalha-se a docência compartilhada, trabalhamos em duplas, ou seja, temos duas pessoas para pensar, planejar, construir, mudar e principalmente, duas visões de docência que precisam trabalhar juntas. Além disso, o estágio é uma disciplina orientada e acompanhada pelo professor responsável, auxiliando em questões de conselhos devido à falta de experiência, medo e nervosismo que os alunos podem desenvolver neste processo de docência tão importante para formação de educadores físicos, nos três níveis de ensino, adequando o conhecimento a prática.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva crítico-libertadora de Paulo Freire é a principal referência teórica, utilizando os métodos freirianos como aporte para a análise e comparação dos dados coletados durante o processo de estágio docente, que inicialmente baseava-se no modelo esportivista, passou por um período de reformulação para a efetivação dos métodos freirianos nas aulas teóricas e práticas de educação física que resultaram em um processo de troca de conhecimentos de professores e alunos, completamente diferentes do modelo tradicional proporcionou em minhas vivências no papel de professor. Todo o processo de planejamento, construção de plano de ensino e diários de campo ao longo do estágio de docência reforçou o desejo de realizar um trabalho de relato de experiência no intuito de compartilhar a reflexão de como os métodos freirianos que podem auxiliar professores principalmente, da área da Educação Física, a desvincular o processo de aprendizagem apenas a abordagens relacionadas ao “saber fazer”.

Ao citarmos Paulo Freire (1921-1997), estou citando: o educador, escritor e filósofo pernambucano, considerado em 2012, através da Lei 12.612, patrono da educação brasileira, colecionador de prêmios internacionais como o de Educação para Paz, da UNESCO concedido em 1986. Mas todos os seus feitos não o tornaram isento de críticas, principalmente pelo governo atual, eleito democraticamente no ano de 2018, que entende que a má qualidade do ensino público brasileiro é o resultado da utilização dos métodos freirianos nas escolas brasileiras.

O legado de Paulo Freire para educação mundial iniciou-se quando ele desenvolveu o método de alfabetização de adultos (1960), em Angicos (RN), com base nos saberes e contexto de cada comunidade, respeitando as experiências de vida do indivíduo. Dentro desta metodologia está a prática dialógica, identificando que o professor deve aprender “a ouvir” mais seus alunos para que possa entendê-lo podendo assim construir um ambiente de respeito e que todos possam trabalhar juntos na resolução dos problemas, desenvolvendo a parte crítica e preparando os estudantes para o seu papel na sociedade.

Os livros escolhidos dentro do imenso legado de Paulo Freire para compor o referencial teórico deste trabalho foram Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia-Saberes Necessários à Prática Educativa, pois em ambos foi possível conceber ideias de uma abordagem que se encaixavam com as circunstâncias que se apresentavam no estágio docente.

O entendimento de desvincular a Educação Física de um processo de uma Educação Bancária para descentralizar do professor o conhecimento para depositar nos seus educando como explica Freire (2005):

“Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e educador o depositante”.

Como solução contrária a esta prática Paulo Freire cria concepções de uma ideia de Educação Problematizadora, baseada em princípios para atingir uma prática de liberdade através do diálogo. Exatamente esta construção que foi realizada com os alunos durante o estágio através do diálogo e criação de vínculo aluno-professor/educando-educador que compreendemos para onde o plano programático do estágio docente teria que seguir.

O diálogo com os alunos trás reflexões sobre o como refletir sobre a docência, o ensinar respeitando os saberes dos educandos como reflete Freire (2012, pág.32) com a seguinte indagação:

“Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

A escolha pela práxis de liberdade para os alunos promove maiores interações entre eles e principalmente com os professores, pois ocorre um movimento de discussões em busca de soluções de problemas e ao discutirmos em grupo, no grande círculo promovendo o aumento de perspectivas sobre o mesmo assunto, gerando um diálogo crítico sobre qualquer atividade.

5 RELATO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

5.1. Diagnóstico da escola e observação das turmas

A construção do processo de ensino e aprendizagem iniciou com conversas e encontros realizados com o professor orientador da disciplina, Fabiano Bossle e com a professora responsável em ministrar as aulas de Educação física na escola, Dulcemara Oliveira, carinhosamente chamada de Dulce, personagens fundamentais no estágio de docência por facilitarem e aconselharem de forma construtiva durante todo processo.

Antes de iniciarmos o processo de ministrar as aulas tivemos um encontro no Instituto Estadual Rio Branco, para conhecermos a infraestrutura da escola, o espaço para realizar as aulas e os prédios administrativos do corpo docente. A escola possui uma boa infraestrutura comparada a outras escolas da rede pública da capital, possuindo um prédio destinado

somente para educação infantil, outros dois prédios para salas de aulas (vinte e sete salas de aula no total) do ensino fundamental e ensino médio. A infraestrutura da escola também contempla as seguintes características:

Quadro 1- Dados Gerais da Escola Instituto Estadual Rio Branco

Dados Gerais	
Código INEP	43108040
Localização da Escola	Urbana
Dependência	Estadual
Endereço	Av. Protásio Alves, 999
Bairro:	Santa Cecília
CEP:	90410000
Telefone:	(51) 3331-8209

Fonte: Elaboração própria / Fonte dos dados: Fundação Lemann e Meritt (2012)¹

Quadro 2 Infraestrutura (dependências) do Instituto Estadual Rio Branco

Infraestrutura (dependências)	
Escola possui	Escola não possui
Sanitário dentro do prédio da escola	Sanitário fora do prédio da escola
Biblioteca	Laboratório de informática
Laboratório de Ciência	Sala de leitura
Quadra de esportes	
Sala para diretoria	
Sala para atendimento especial	

Fonte: Elaboração própria / Fonte dos dados: Fundação Lemann e Meritt (2012)

¹ Fundação Lemann e Meritt (2012) - PORTAL QEDU: segundo o próprio o site a filosofia é transformar os dados educacionais na transformação da educação brasileira. Em relação aos dados do site: “Os dados de infraestrutura e matrículas apresentados nessa página representam a realidade informada pela rede de ensino e suas escolas no Censo Escolar até a última quarta-feira do mês de maio. Os dados são públicos e oficializados pelo Ministério da Educação.” O conteúdo do site é atualizado a partir das atualizações do Censo Escolar/INEP 2020. Informações retiradas do site: <https://www.qedu.org.br/escola/233549-ie-rio-branco/sobre>: acesso em 10/04/2021

Quadro 3- Equipamentos do Instituto Estadual Rio Branco

Equipamentos	
Escola possui	Escola não possui
Aparelho de DVD	Impressora
Televisão	Copiadora
	Retroprojektor

Fonte: Elaboração própria / Fonte dos dados: Fundação Lemann e Meritt (2012)

Quadro 4- Computadores e Internet do Instituto Estadual Rio Branco

Computadores e Internet	
Internet	Ativada
Banda larga	Ativada
Computadores para uso dos alunos	Vinte e sete
Computadores para uso administrativo	Um

Fonte: Elaboração própria / Fonte dos dados: Fundação Lemann e Meritt (2012)

A escola possuía como ambientes além das salas de aula, quatro espaços para práticas esportivas: um ginásio coberto, uma quadra aberta poliesportiva com piso em boa qualidade e outras duas quadras abertas, uma com demarcação de uma quadra de futsal e outra com o piso mais danificado e marcações apagadas, ambas possuíam menor qualidade em relação ao risco de queda iminente nas aulas. Outro fator importante era a sala de material que tínhamos acesso mediante o pedido da chave com a Professora Dulce ou com Professor Júlio (professor de educação física da escola que ficou responsável por orientar outras duplas durante o estágio docente), a sala possuía uma boa quantidade de material, quase todos em bom estado para uso e tínhamos total autonomia para escolhermos quais materiais usamos em cada aula, mediante a devolução e organização da sala de material após o final de cada aula.

Após conhecermos as dependências da escola fomos apresentados para as duas turmas, realizando uma breve apresentação de que seríamos os professores estagiários durante os próximos quatro meses, esta prática de professores estagiários já era uma realidade da escola nas aulas de Educação Física, então nas duas apresentações as turmas demonstraram entusiasmo para saber que tipo de aula nós estávamos planejando para realizar com eles. Após este primeiro contato, observamos uma aula de Educação Física ministrada pela professora Dulce nas duas turmas, nas aulas observadas fomos para quadra poliesportiva e as duas aulas possuíam atividades esportivas, destaque para dois esportes, futebol e vôlei, tendo a

aderência nas atividades da maioria dos alunos da turma, sendo que quem não participava da aula, teria que fazer um relatório descritivo sobre as atividades que ocorreram durante a aula e entregar para a professora no final da aula. Em ambas as turmas alguns alunos estavam realizando o relatório sobre a aula do lado de fora da quadra, aproveitamos para conversar com estes alunos para entendermos como eles enxergavam a escola, os seus colegas e as aulas de educação física com os estagiários que passam pela escola e o que eles esperavam das nossas aulas.

Ao acompanharmos as turmas durante aquela manhã pude fazer algumas observações das turmas, as semelhanças e diferenças, as gírias, os pequenos grupos de convivência, os alunos mais retraídos e mais expansivos, a diversidade de estilos e por fim algumas dificuldades, em relação as minhas inseguranças no papel de professor.

Na primeira turma, a 102, o primeiro obstáculo já começa devido ao horário da aula, o primeiro período do dia ser a educação física acarreta na dificuldade da turma estar disposta às 7 horas e 30 minutos da manhã para realizar a aula como planejado e com disposição de movimentar-se. A turma 102 neste dia de observação estava bem calma, ou posso dizer sonolenta e quieta no deslocamento da sala de aula para a quadra poliesportiva que fica na parte de trás da escola, com o deslocamento da turma de aproximadamente 40 alunos pelos corredores da escola passando por outras salas de aula com aulas em andamento. Ao observar só este momento de deslocamento, já conseguiu idealizar toda a questão de comando do professor, organização para não atrapalhar a aula das outras turmas, cooperação da turma e a importância do diálogo entre professor e alunos. Neste pequeno deslocamento da sala de aula até a quadra aberta fica visível o controle de turma da professora Dulce e como é o tratamento da turma com ela, sendo algo muito natural devido ao vínculo com alguns alunos e a experiência da docência.

Ao acompanhar a segunda turma, a 101, já se observa maior entusiasmo para aula de Educação Física e disposição, sendo um pouco mais complicado o deslocamento em silêncio para a quadra poli esportiva, mas praticamente o mesmo tratamento e vínculo com a professora Dulce, representado por muita demonstração de afeto dos alunos em relação a professora e muitas indagações de como seriam as nossas aulas, realizando comparativos com outros professores estagiários que fizeram bons trabalhos com a turma e outros nem tanto. Existia uma grande expectativa em relação às nossas aulas por parte dos alunos e também uma expectativa da nossa parte de realizarmos boas aulas.

5.2 – A “esportivização” nas aulas de Educação Física

Após o diagnóstico da escola, a breve apresentação das turmas e as observações das aulas de educação física, nós tínhamos uma semana para planejarmos a primeira aula e começarmos a planejar o plano de ensino que iria nos orientar durante o estágio. A primeira decisão em comum acordo é que iríamos montar um plano de ensino para executar em ambas as turmas com intuito de comparação como seria o nosso processo de docência em duas turmas diferentes, quais seriam as dificuldades, como resolvemos os problemas internos, como aperfeiçoar as aulas para cada turma, como lidaremos com os acertos e erros em cada aula, ou seja, nos desafiamos a encarar o estágio com a demanda duplicada. Além disso, para não realizarmos uma aula fora das nossas experiências, optamos a manter as aulas de Educação Física com as práticas esportivas, pois individualmente, ambos tínhamos trajetórias que envolviam o esporte como prática rotineira. Eu, por muitos anos, fui jogador de futebol desde criança até chegar ao futebol profissional, como atleta, tendo também experiências como auxiliar técnico em escolinhas de futebol, ou seja, um vínculo enorme com futebol e um conhecimento técnico e prático desta modalidade. Já a minha colega de estágio Franciane Affonso, têm forte vínculo com o handebol, tanto como atleta, como treinadora, ou seja, conhecimento prático e técnico desta modalidade. Ao conversarmos sobre nossas experiências esportivas e sabendo que em poucos dias estaríamos na posição de professores dentro de uma escola, resolvemos utilizar os esportes (futebol e handebol), como nosso conteúdo principal para realizarmos as nossas aulas e montarmos o nosso plano de ensino em cima disso.

Ao escolhermos colocar os esportes como nosso conteúdo principal, sendo eles os mesmos que trabalhávamos em alto rendimento em nossas vidas como atletas ou professores buscando o alto rendimento em escolinhas, estávamos seguindo a cartilha da esportivização das aulas de educação física como já discutido anteriormente, podendo seguir um caminho de buscar a fórmula de esporte de alto rendimento dentro da escola com “o professor passa a professor-treinador e o aluno a aluno-atleta, uma vez que falta a definição para o verdadeiro papel do professor de Educação Física escolar” (Bracht,1992,p. 35).

O plano de aula da primeira aula foi sendo construído após o final do dia de observação e seguimos uma estrutura de planejamento a partir de um modelo básico de montar a aula de educação física: parte inicial, parte principal e parte final. A parte inicial seria destinada de cinco a sete minutos de prática para executar o aquecimento, no intuito de preparar o corpo fisiologicamente para as próximas atividades. A parte principal dura em torno de trinta a quarenta minutos de prática para as atividades principais com objetivo de

promover, desenvolver e atingir o conteúdo principal daquela aula de acordo com o planejamento do plano de ensino. Para finalizar a parte final da aula consistia em uma atividade mais calma, denominada como volta calma, para baixar intensidade e algumas aulas é o momento das reflexões sobre o aprendizado daquela aula, conversas entre professor e aluno (a), momento de esclarecer dúvidas, expor críticas e tentar ter uma percepção geral sobre as atividades do dia.

Ao ler o meu relato sobre a primeira aula fica nítido a análise tecnicista relacionado aos “gestos motores”, neste trecho do diário de campo demonstra a minha maior preocupação em ambas as turmas:

“Turma 102: Uma turma bastante ativa possui bom repertório motor em questões de gestos de arremesso, condução de bola (tanto com os pés, como com as mãos), algumas dificuldades de compreender a dinâmica de algumas atividades. Individualmente, consideramos os alunos participativos e para nossa grata surpresa motivada com a nossa estrutura de aula, que de certa forma, alterou a rotina das aulas de Educação Física que os alunos estavam acostumados a realizar. Os meninos com gestos motores mais definidos do que as meninas, devido ao estímulo nos anos iniciais que contemplavam mais dinâmicas onde os meninos participavam mais que as meninas, de acordo com os relatos dos próprios alunos. “(Diário de campo do dia, 27/03/2019) .

“Turma 101: Uma turma bastante ativa, mais tranquila do que a outra turma, entende as dinâmicas das atividades com mais facilidade, uma turma menos competitiva entre si e mais comunicativa em questões de dúvidas com os professores e auxiliar o colega. Individualmente, o mesmo problema de falta de estímulos para maioria das meninas no desenvolvimento nas séries iniciais, causando maior defasagem em alguns gestos motores para realizar as atividades de condução e arremesso do que os meninos.” (Diário de campo do dia, 27/03/2019).

Ao me posicionar contra a esportivização nas aulas de Educação Física não estou me posicionando contra o uso dos esportes nas aulas de Educação Física, mas sim com o modelo que o esporte é repassado deixando de ser um dos conteúdos, para se tornar o tema central com o viés tecnicista do “saber fazer”, sem estar contextualizado dentro de uma área de conhecimento e principalmente não haver uma reflexão da sua prática, seguindo contexto de Paes (1996) quando menciona que:

“... o esporte somente poderá interferir no processo de educação formal do aluno à medida em que for compreendido como um conteúdo de uma área de conhecimento, cujo ensino seja (. . .) compatível com os objetivos da educação que exige uma elaboração sistematizada” (Paes, 1996, p. 07).

Como percebido em minhas observações, no primeiro período de aula com a turma 102, tínhamos que realizar atividades mais dinâmicas e motivacionais para “acordarmos” os alunos, fato que já não ocorria na segunda turma, 101. Ao identificarmos este processo como uma dificuldade que poderia prejudicar o andamento das aulas durante o estágio, começou o

processo de replanejar as aulas. Dentro deste replanejamento, lembramo-nos de alguns relatos de alunos das duas turmas que ao explicar sobre o funcionamento da escola e as aulas de educação física, alguns se sentiram à vontade para relatar suas rotinas e mencionaram as suas questões de não conseguirem tomar café da manhã por morarem muito longe da escola, outros mencionaram que já estavam trabalhando no turno contrário da escola entre outros assuntos. Estes pequenos relatos já nos influenciava a repensar o que estava certo em nosso plano de ensino, por isso concordo com Bossle (2002) ao mencionar que:

“O planejamento de ensino, portanto, é uma construção orientadora da ação docente, que como processo, organiza e dá direção a prática coerente com os objetivos a que se propõe. Tem que responder às seguintes questões ao: como? Com quê ? O quê? Para quê? Para quem? Na forma de plano”.

Seguindo nosso plano de ensino (Apêndice - Cronograma do Plano de Ensino) as primeiras aulas envolviam gestos motores e fundamentos básicos de jogos cooperativos, no intuito de conhecermos melhor a turma. O plano de aula seguia o modelo das três etapas: aquecimento, parte principal e parte final. Como trabalhamos em duplas dividimos a turma em dois grandes grupos, nas primeiras aulas a separação era realizada por determinação numérica, cada aluno recebia um número 1 ou 2 , todos que recebessem o número 1 eram do grupo 1 e todos que recebessem o número 2 eram do grupo 2. Tentando não fazer distinção de gênero e nem de aptidão física por que não conhecíamos a turma e nem os pequenos grupos de convivência. Nesta segunda aula novamente levamos as duas turmas para a quadra aberta poliesportiva, realizamos a aula com divisões de momentos de professor central e professor adjunto para centralizar a atenção em momentos de explicar as atividades.

Plano de aula da segunda aula do estágio: (Diário de campo: 03/04/2019)

“Data: 03/04/2019 – Jogos de cooperação em grupo”

“Seguindo nosso planejamento, fizemos mais atividades de jogos que necessitam a participação de todos e cooperação para alcançar o objetivo, começando a aula sempre com aquecimento ativo de membros inferiores e superiores antes de qualquer atividade. Nossas atividades neste dia tinham como objetivo de fazer com que todos participassem de forma com que todos soubessem da sua importância naquela atividade e que o próprio grupo se motivasse durante a atividade, causando um clima agradável na turma e não tendo aquele ambiente de competição onde o com melhor repertório motor vence daquele que não desenvolveu seu repertório motor tão bem. A atividade consistia em ir e voltar correndo de um cone até o outro que estavam distantes em uma linha reta, uns 50 metros um do outro.”

“Os alunos partiam de suas filas e iam até o cone seguinte, contornavam o cone e voltavam até o primeiro cone, quando voltavam ao cone inicial deveriam dar a mão ao colega que estava em segundo na fila e correr de mãos dadas até o outro cone novamente e assim sucessivamente até todos estarem de mãos dadas correndo juntos. Vencia a equipe que tivesse ido de um cone ao outro, contornava o cone mais

distantes e voltasse ao cone inicial de mãos dadas, sem soltar as mãos durante o percurso.”

“A segunda e terceira atividade foram jogos de dez passes com a bola de handebol e algumas variações, incluindo coringas e bambolês como área de segurança para as equipes, proporcionando momentos em que as equipes montaram estratégias para que todos participassem da melhor forma que aquela pessoa pudesse contribuir para equipe chegar ao objetivo.”. (Diário de campo: 03/04/2019)

Neste ponto é importante o bom relacionamento criado dentro da dupla de Docência, no qual facilitava as trocas de conhecimento, construção de plano de aula, plano de ensino e principalmente nas aulas, a divisão de atividades e contribuições de alternativas, caso algo saísse do planejado. Situação que na educação regular não é possível, pois o professor de Educação Física é apenas um professor independente da quantidade de alunos.

Retomando o relato da aula, combinamos na dupla que tínhamos que ter um diagnóstico da turma mais apurado, as atividades esportivas em ambas as turmas, ocorreram de forma agradável, os alunos participavam ativamente, mas sentíamos que estávamos deixando o gesto esportivo como nosso balizador de conhecimento e não queríamos realizar nosso estágio desta forma. Já na segunda aula as duas turmas já estavam mais abertas e nossa presença já não causava tanto estranhamento. Ao final desta segunda aula realizamos os primeiros combinados com a turma sobre conversarmos no final da aula para refletirmos sobre a prática de cada aula, combinamos também que devíamos nos ajudar principalmente nos momentos de explicação de atividades ou dúvidas dos estudantes, teríamos respeito uns aos outros e ouvir os professores e colegas, estes momentos sempre foram realizados em círculos para que todos participassem e pudessem contribuir.

Durante as aulas a professora Dulce, observava o desenvolvimento das aulas e nossa relação com os alunos, sempre muito solícita para nos ajudar a entender as turmas, o funcionamento da escola e sempre que podia nos acalmava com algum conselho ou comentário positivo sobre nossas aulas.

A partir desta semana até a terceira aula eu e a colega Franciane Affonso, tentamos entender como estávamos vivendo o processo do estágio, conciliando com trabalho e outras disciplinas do semestre, tentando entender como poderíamos melhorar a dinâmica de aula e nossas ideias se materializasse na parte prática. Apesar de termos dado duas aulas, percebemos logo de cara que o desafio da docência já estava iniciado. Percebemos que na segunda turma do segundo período, 101, as duas primeiras aulas fluíram naturalmente com o entendimento rápido das orientações e com a participação ativa da maioria dos alunos, enquanto na turma do primeiro período 102, sentíamos um desequilíbrio entre alunos mais

motivados e alunos menos desmotivados, provocando até saídas e retornos para aula durante as atividades. Esses acontecimentos mexiam com a gente, no sentido de nos perguntar: o que é que estamos fazendo de errado? .

Como a pergunta anterior não tinha resposta correta e nem incorreta, decidimos dar um passo atrás no nosso planejamento e montarmos uma auto avaliação para os alunos com duas perguntas: 1) Como foi a sua Educação Física no Ensino Fundamental? E 2) O que eu espero aprender nas aulas de Educação Física no 1º ano do Ensino Médio?

Iniciamos a terceira aula no dia 10/4/19, nas duas turmas explicando o trabalho de auto avaliação que era importante sabermos sobre a trajetória de cada aluno para sabermos para qual caminho poderíamos seguir. Destaque para o comentário realizado no diário de campo desta aula em relação a minha sensação de estar melhorando ainda mais a relação entre nós professores e os alunos:

“A” partir desta aula o clima entre estagiários e alunos já está mais leve, então resolvemos conversar na sala de aula sobre como seriam nossos critérios de avaliações com ambas as turmas, dentro desses critérios está um trabalho de auto avaliação com as seguintes perguntas:

- Como foi a sua Educação Física no Ensino Fundamental?
- O que eu espero aprender nas aulas de Educação Física no 1º ano do Ensino Médio? “(Diário de campo, 10/04/2019)

Este foi o primeiro passo oficial que tomamos para mudarmos o rumo da mudança no nosso plano inicial, e entendermos o “pra quem” e “pra quê” estávamos pensando nos nossos planos de aulas.

Outro ponto importante de destaque na construção do processo de docência no estágio foi acordado reuniões com o professor orientador do estágio do Ensino Médio, Professor Fabiano Bossle pós-término das aulas. Nestas reuniões rápidas, trocamos ideias e contávamos como estavam ocorrendo às aulas. Uma das orientações nestas conversas era observar mais os nossos alunos no período de aula e fora dela, tentar criar mais vínculo com a escola e as pessoas que a frequentam, sanar dúvidas e aprender com a experiência da professora Dulce. A relação com o professor Fabiano se tornou muito próxima, pois me identificava com alguns pensamentos e posicionamentos em relação ao papel do professor da Educação Física na escola que pretendo exercer após a graduação, tão boa que o convidei para ser meu orientador neste trabalho.

Após essas conversas melhorei esta questão de observação dos alunos, tentando ficar após o período da aula e perceber as interações sociais do aluno no período do recreio,

percebendo os subgrupos que existiam nas turmas e outras coisas intrínsecas da turma: os conflitos, os alunos mais introvertidos, os mais expansivos, os líderes, os que ficavam de lado, os que já estavam namorando, os que trabalhavam os que falavam muito, os que não falavam nada, os que moravam longe, os que moravam perto, os que faziam bullying, os que sofriam bullying entre outras coisas, a escola e suas representações sociais.

Na terceira e quarta aula, os alunos já estavam bem mais à vontade, nossos encontros já estavam sendo parte da rotina dos alunos, já sabíamos os nomes de todos, sabíamos mais sobre o ritmo das turmas, já havia mais aproximação para haver diálogos sobre assuntos diversos sobre sua rotina dentro e fora das aulas, já sabíamos como instigar a curiosidade dos alunos e continuávamos trabalhando “os jogos cooperativos” entendendo que trabalhar esportes específicos acaba por ser uma metodologia excludente. Esta confirmação foi trazida principalmente pelas alunas que relataram que ao escolher por uma modalidade esportiva específica “só os meninos jogavam bem” ou diminuiria a participação efetiva da aula, optando às vezes até por desistir das aulas.

De acordo com o diário de campo do dia 17/04/19 confirma o feedback das meninas:

“[...] conversamos um pouco antes das atividades sobre qual o feedback da turma sobre as aulas já realizadas, a maioria dos alunos elogia o nosso trabalho devido às aulas diversificadas, devido ao fato de não utilizarmos um esporte específico para nortear nossas aulas, principalmente as meninas agradecem pelas aulas terem temas que incluem todos os alunos e não majoritariamente esportes onde os meninos praticam mais.”(diário de campo do dia 17/04/19)

Nas palavras de Paes (2002, p. 91), corrobora com a questão de saber utilizar o esporte como conteúdo:

“A modernidade exige que o profissional de Educação Física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, transformando-se em facilitador no processo de educação de crianças e jovens. Nesse contexto, é preciso ir além da técnica e promover integração dos personagens, o que só será possível se essa proposta pedagógica estiver embasada também por uma filosofia norteada por princípios essenciais para a educação dos alunos.”

As observações e reflexões sobre como estávamos progredindo as questões relacionadas ao vínculo com a turma, reflexões em relação a falas pertinentes dos alunos em relação à identificação conosco e por nossas aulas, nos permitiu repensar sobre como nós víamos o ensino da educação física ao nosso redor, reproduzido por nós ou por outros colegas na mesma escola realizando o estágio com outras turmas e percebemos que estava faltando

algo. Basicamente, a escolha por colocar o esporte na Educação Física escolar como conteúdo principal já estava se tornando uma reprodução automática por professores novos, velhos e que viram, mas no nosso caso o estágio modifica-se para nós quando recebemos as auto avaliações dos nossos alunos. Esta resposta, através das palavras deles fez com que enxergássemos o que estava faltando para reformulamos nossas aulas e passamos para o próximo capítulo do estágio: métodos freirianos.

5.2 Métodos Freirianos

Esta fase inicia-se ao recebermos as auto avaliações com as respostas das turmas sobre sua trajetória de Educação Física do ensino Fundamental até o primeiro do ensino médio e responderam sobre as expectativas que carregavam em relação às aulas de estágio. Em relação à trajetória dos alunos do ensino fundamental até primeiro ano do ensino médio foram:

-Pontos negativos: de forma geral, a maioria das meninas nas duas turmas tiveram problemas de participação das aulas de Educação Física quando o esporte, principalmente futebol/futsal era o tema principal da aula, não se sentindo incluídas nas práticas, algumas relatam que saíam da aula por considerar “não saber jogar” ou por que os meninos “eram muito brutos jogando”.

Outro ponto que muitos alunos (meninos e meninas) trouxeram das suas realidades foi à alta rotatividade de troca de escolas, por diversos motivos, sendo um fator importante em relação à interação social, não criando vínculos duradouros, fator importante para se sentir à vontade para participar das atividades da educação física que envolve o trabalho em grupo de diversos modos. Alguns alunos trouxeram questões de “bullying” sofridos em outras escolas no ensino fundamental, causando um isolamento do aluno dificultando o relacionamento com os colegas.

O conceito de “Bullying” de acordo com Abramovay (2006) na escola corroborando com o relato dos estudantes:

“[...] a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas”. uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo”

Finalizando, os pontos negativos são questões sobre a educação brasileira e suas dificuldades. Alguns alunos frequentaram escolas que não tinham condições de realizar aulas de educação física no ensino fundamental de forma adequada, alguns alunos relatam que em

outras escolas não tinham espaço físico para realizar as aulas, outros relatam que a educação física era realizada para quem quisesse “jogar futebol” ou “voleibol”, como um “horário livre”, mas que não havia uma aula propriamente dita.

Tendo estes relatos, entendemos que devemos dar alguns passos atrás em relação a um dos objetivos que o professor de Educação Física deve promover no ensino médio, que é o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos durante os anos iniciais. Devido às disparidades de vivências entre os alunos nas fases de ensino anteriores.

Um estudo realizado por Andrade & Devede (2006) denominado: “Auto exclusão nas aulas mistas de educação física escolar: representações de alunas do ensino médio sob enfoque de gênero”, estudo feito para verificar com alunas do Ensino Médio que frequentavam as aulas de Educação Física no Colégio Estadual Stella Matutina, em Jacarepaguá-RJ.

Mesmo sendo uma realidade diferente em questões de Estado e diversos fatores, os principais achados dos autores dos muitos motivos que podem contribuir para a auto exclusão de alunas nas aulas de Educação Física no estudo corroboram com os relatos das alunas no trabalho de auto avaliação como pode ser visto no Quadro 5 com os resultados dos autores Andrade & Devede (2006):

Quadro 5 - Principais Motivos para Auto- Exclusão das Alunas do Ensino Médio nas Aulas de Educação Física Escolar

PRINCIPAIS MOTIVOS PARA AUTO- EXCLUSÃO DAS ALUNAS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
CATEGORIAS	RAZÕES PARA AUTO-EXCLUSÃO
Ambiente físico inadequado (quadra/vestiários)	Quadra pequena; Local sem estrutura; Não tem chuveiro;
Características das Aulas	Repetitivas; Desorganizadas; Chatas; Horário da aula.
Falta de habilidade e Desprazer com os Esportes	Não sei jogar; exercícios obrigatórios; às vezes não quero participar.
Medo	Machucar; Da bola; Brutalidade masculina.
Professor de Educação Física	Não participa das aulas; Falta de interesse.
Desigualdade (Habilidade e Gênero)	Exclusão dos que não sabem; sempre os meninos com a bola.

Fonte: Elaboração própria / Fonte: Andrade & Devede (2006)

No Quadro-7 as sugestões das alunas a partir do trabalho de pesquisa realizado por Andrade & Devede (2006):

Quadro - 6 Sugestões das alunas para que as aulas de educação física despertem o seu interesse

SUGESTÕES DAS ALUNAS PARA QUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DESPERTEM O SEU INTERESSE	
CATEGORIAS	SUGESTÕES
Atividades diversificadas	Atividades variadas; Aquecimento e alongamento; Aulas teóricas sérias com responsabilidades e ação; Dinâmicas.
Estrutura Física	Melhoras no espaço físico; Vestiário; Material adequado; Bebedouro.
Atitude nas aulas	Diminuir a Brutalidade; Acabar com as panelinhas; Mais espaço para participação feminina; Aulas animadas e organizadas; Aulas interessantes.
Professor	Participação e interesse dos professores para ensinar.

Fonte: Elaboração própria / Fonte: Andrade & Devede (2006)

Em relação aos pontos positivos:

Os alunos expuseram suas vivências com professores de Educação Física que criaram aulas focadas em “jogos cooperativos” e inclusivos, não estipulando algum esporte específico em suas aulas proporcionando o desenvolvimento dos alunos com variações de exercícios mantendo uma maior dinâmica e participação de todos.

Nós utilizamos em algumas aulas os jogos cooperativos devido ao tamanho das turmas, aproximadamente, trinta e cinco alunos em cada turma, para facilitar a participação de todos e diminuir a exclusão por “não saber fazer” devido a oportunizar nos jogos cooperativos questões de trabalho em grupo, delimitar tarefas, liderança tendo espaço para todos serem protagonistas dentro da mesma atividade. Mais um motivo que faz rever a escolha de um esporte para avaliar os alunos pode ser prejudicial para o desenvolvimento da aprendizagem motora, tornando-se algo repetitivo e mecânico.

Esta construção de jogos cooperativos foi elogiada principalmente pelos alunos que tinham mais dificuldades para aprender gestos motores de práticas esportivas de forma isolada e pelas meninas que historicamente sofrem um processo de desestimular a prática esportiva na escola, como mostra o diário de campo do dia 17/04/2019:

“Houve a entrega dos trabalhos de auto avaliações, conversamos um pouco antes das atividades sobre qual o feedback da turma sobre as aulas já realizadas, a maioria dos alunos elogia o nosso trabalho devido às aulas diversificadas, devido ao fato de não utilizarmos um esporte específico para nortear nossas aulas, principalmente as meninas agradecem pelas aulas terem temas que incluem todos os alunos e não majoritariamente esportes onde os meninos praticam mais.” (Diário de campo, 17/04/2019)

Entramos na 5ª aula do estágio e o clima das aulas é o melhor possível em ambas as turmas. Os métodos freirianos começam a entrar em prática nas aulas ao começarmos construir os planos de aula com as turmas a partir do feedback de cada aula, o diálogo se torna cada vez mais aberto, todo final de aula a problematização se torna mais crítica sobre a prática do dia e práticas anteriores. Muitas soluções das práticas começam a surgir nas rodas de conversa no final de cada aula, uma delas foi o aumento de brincadeiras com corridas no aquecimento da turma 102, a turma do primeiro período (7 horas 30 minutos), sendo um momento mais descontraído e progressivo para que a turma se motivasse para realizar parte principal da aula com mais disposição, alternativa criada entre alunos e professores no intuito de melhorar este quesito.

Enquanto na turma 101, era uma turma tranquila, mas com muitos grupos de afinidades separados, então mesmo sendo as mesmas atividades nas duas turmas, nesta turma nós alternamos sempre a questão da separação dos grupos de aula para que os alunos se conhecessem mais e criar um ambiente de mais interações uns com os outros, mas dentro de grupos de convivências diferentes, no início deste processo houve certa resistência, mas através novamente da roda de conversa no final das aulas, explicamos que precisamos entender o outro, conviver com a diversidade e que o diálogo, o estímulo dos jogos cooperativos trouxe uma melhora no ambiente coletivo.

Importante mencionar que as duas turmas cooperaram com o processo de reconstrução do plano de ensino, realizando críticas, reflexões sobre as práticas e colaborando com sugestões de melhorias nas aulas. Este fato contribuiu muito para o processo de docência que já era compartilhado por duas pessoas, mas se tornou um processo conjunto com os educandos.

As atividades que mais representaram os métodos de Paulo Freire dentro das nossas aulas foram três atividades específicas: **Jogo dos Privilégios, Jogo dos Poderes e o Trabalho Final sobre os “temas polêmicos”**.

O **“Jogo dos privilégios”** foi uma atividade realizada na quadra aberta que realiza uma reflexão sobre como cada indivíduo se enxergava na sociedade e enxergava o outro, a dinâmica desta atividade é no intuito de revelar em que pé de igualdade estamos com aqueles que estamos diariamente, saber mais sobre o que o seu colega ou amigo que está do seu lado

que você conhece passa diariamente através da resposta de algumas perguntas através de um passo. A dinâmica ocorre desta forma:

- Toda turma é colocada em cima da linha lateral da quadra um ao lado do outro;
- O objetivo é chegar ao outro lado da quadra;
- Os passos a frente só são dados se a declaração que o professor fizer em voz alta encaixa na sua vida, caso contrário você não pode dar o passo a frente, por exemplo:
- O professor declara em voz alta: “Dê um passo à frente, se os seus pais ainda estão casados”.

Logo todos os alunos que os pais ainda estão casados podem dar um passo à frente, quem possui os pais separados permanecem no mesmo lugar. A cada declaração os alunos que conseguem dar passos à frente, vão tendo a noção de alguns privilégios em suas vidas em relação aos seus colegas. Algumas das declarações utilizadas nesta dinâmica foram:

- “Dê um passo à frente, se os seus pais ainda estão casados”.
- “Dê um passo à frente se você fizer cinco refeições por dia.”
- “Dê um passo à frente se você teve acesso à educação privada”
- “Dê um passo à frente se eu nunca tive medo de sair sozinho (a) à noite.”.

Entre outras perguntas para refletir questões de privilégios de gênero, raça, financeiras que estão presentes na sociedade, como resultado quase nenhum aluno chegou ao outro lado da quadra, pois as declarações não se encaixam a sua realidade, no final da dinâmica os alunos devem permanecer no lugar que terminou a dinâmica para que a turma visualizasse o que cada aluno percorreu, ou seja, o quanto ele é privilegiado, aos que tiveram maior deslocamento e o quanto é desigual com aqueles que ficaram imóveis em diversas declarações. É importante salientar que esta dinâmica ao ser proposta para as turmas teve grande aceitação por parte das duas turmas, graças à existência de um vídeo que acabou disseminado nas redes sociais com a mesma dinâmica, mas que adequamos às perguntas a realidade da escola.

O resultado final desta dinâmica foi fantástico e superou todas as nossas expectativas, ocorrendo muita reflexão, emoção e terminamos em um abraço coletivo de toda turma nas

duas turmas e para nós professores um sentimento de possibilitar que os alunos atinjam o propósito de olhar mais para si sem deixar de olhar para outro.

O Jogo dos Poderes

Esta dinâmica foi idealizada pela colega Franciane Affonso no sentido de refletir sobre as dinâmicas sociais: na dinâmica de quem detém o poder, na dinâmica de quem sofre a opressão e de quem é o opressor e quais as estratégias que todos podem ter para chegar a um equilíbrio.

A atividade funcionou da seguinte forma, fizemos duas goleiras demarcadas com cones nas duas extremidades da quadra, utilizamos uma bola de handebol e tínhamos que distribuir dez coletes para dez alunos (cinco meninas e cinco meninos), que a turma iria escolher.

A turma em comum acordo escolhia uma prática esportiva que eles mais gostavam, no segundo momento escolhiam entre os seus colegas os cinco meninos e cinco meninas da turma que eram “os melhores” nesta prática esportiva, denominados como “os escolhidos” Após esta escolha, a turma foi dividida em dois grupos: os dez escolhidos formavam uma equipe e todo o restante da turma formava a outra equipe. Após a divisão das equipes as regras do jogo:

-Regras gerais: respeitar a delimitação da quadra; respeitar o colega, não pode chutar a bola e o ponto só vale se for um arremesso na linda cintura para baixo, para evitar acertar o rosto e machucar os colegas.

- **Regras dos “escolhidos”** - tinham direito de escolher algumas regras com intuito de dificultar a estratégia da outra equipe, após cinco minutos tinham o direito de acrescentar ou mudar a regra para dificultar as estratégias dos alunos.

- **Regras para o restante da turma** – acatar as regras formuladas pelos escolhidos e tentar pontuar através de uma estratégia que não desrespeitasse as regras gerais e as regras dos escolhidos.

A complexidade das regras da dinâmica trouxe alguns problemas para a prática fluir durante a aula, sendo necessárias duas aulas (a pedido dos alunos) para a dinâmica fluir com naturalidade.

Após algumas tentativas a turma 101 do segundo horário, teve os primeiros passos para compreensão de entender a dinâmica como reflexo da sociedade, quando a estratégia da equipe formada pelos “dez escolhidos” foi de dificultar tanto o jogo da outra que a equipe contrária reconheceu que era maioria e propôs o equilíbrio no jogo, por que “os escolhidos” precisavam da outra equipe para ter o jogo, mesmo com todos os poderes, a equipe dos escolhidos teve que ceder e trocaram as dificuldades por uma ideia mais justa de jogo. A turma 102, também chegou a esta conclusão, mas de outra forma, durante a partida a equipe realizou um protesto contra tantas regras dos escolhidos e se negou a jogar, explicando que as regras estavam deixando o jogo “chato” e mais uma vez houve uma negociação para chegar ao equilíbrio e o jogo voltou a funcionar novamente.

Nesta dinâmica, a nossa participação era mínima, somente para esclarecer dúvidas, explicar as regras gerais e validar saídas de bola ou pontuação. Sendo uma aula quase que conduzida e produzida pelos alunos. Os resultados das estratégias das equipes foram totalmente construídos pelos alunos. Após o segundo dia de atividade, explicamos sobre a autonomia que eles tiveram nas aulas, resolvendo os próprios conflitos, procurando soluções em grupo, ouvindo a ideia de cada um para visualizar as contribuições do micro para o macro, do plano para prática.

Além disso, perguntamos se a dinâmica dos “poderes” para poucas pessoas tinha relação com outra reflexão das vivências deles, as duas turmas fizeram analogias a questão do modelo de governo, por que a maioria determina quem são “os escolhidos” (presidente, governadores, prefeitos, etc.) , mas eles que escolhem o que a maioria deve ou não fazer. Esta dinâmica corrobora conforme descrito por Freire (2011):

“Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar de avaliar de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu pra nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como possibilidade.”. (Paulo Freire, 2011 pág. 98)

Trabalho final sobre os “temas polêmicos”

O trabalho final do estágio desenvolvido com os alunos sobre os denominados “temas polêmicos”, teve como objetivo a reflexão-crítica sobre estes assuntos relacionados com as práticas esportivas, redes sociais e suas experiências pessoais. A dinâmica do trabalho era: realizar um resumo de uma reportagem ou relato de experiência pessoal ou de familiares ou

amigos sobre um dos seguintes temas: racismo, homofobia, machismo e depressão nas práticas esportivas.

A dinâmica era extremamente simples na questão prática, pois não limitamos os meios de conseguir a reportagem, poderia ser de jornal, redes sociais e de qualquer prática esportiva. Ao explicarmos sobre a dinâmica demos exemplos de como os meios de comunicação apresentavam estas temáticas e também trouxemos relatos de experiências que vivenciamos abrindo espaço para os relatos dos alunos sobre o que eles entendiam sobre os assuntos e suas experiências. No caso dos meios de comunicação trouxemos o exemplo sobre a diferença de salário entre jogadoras de futebol feminino com jogadores de futebol masculino e como tinham diversas notícias sobre esse assunto.

Em relação ao racismo, homofobia e depressão, eu e a colega Franciane fizemos relatos que vivenciamos em nossas vidas, dos quais os alunos se identificaram muito e resolveram contribuir relatando as suas experiências com estes assuntos. Nesta aula é importante mencionar o relato emocionante da professora Dulce que contribuiu para aproximar os alunos das temáticas se sentindo em um ambiente confortável para se expressarem.

5.3. Lugar de fala

A fórmula que desenvolvemos para promover o diálogo entre a turma e professores para refletirmos, criticarmos e tirarmos dúvidas sobre atividade realizada naquele dia após o final das aulas desde a terceira aula do estágio proporcionou um processo contínuo na criação de vínculo. Ao darmos este passo para a turma falar sobre como se sentiram dentro da atividade, nos deu mais proximidade com as duas turmas para termos uma relação de respeito, mas sem autoritarismo da nossa parte.

Conseguimos romper com a visão construída do professor detentor do conhecimento e os alunos só absorverem estes conhecimentos sem aprofundar questões pessoais de ambos os lados, alguns alunos relataram que gostavam desta proximidade que tínhamos com os estudantes, pois ao comparar com outros professores de outras disciplinas o relato dos alunos compreendia em uma relação totalmente distante. Como já comentado anteriormente, nas observações percebia a relação de afeto que os alunos tinham com a professora Dulce que, por coincidência, é a professora de Educação Física da escola, responsável por ministraras aulas

em diversas turmas, podendo perceber o desenvolvimento dos alunos em diversas fases de ensino.

Outro fator que nos aproximou da turma, que descobrimos ao desenvolvermos aulas teóricas com temas transversais, intitulamos como “temas polêmicos” que escolhemos entre vários temas os seguintes: privilégios, machismo, homofobia, racismo entre outros, envolvendo casos na prática esportiva, escola e relatos pessoais, foi à questão da representatividade que eles enxergavam em nossas aulas por sermos três professores PRETOS, contando com a professora Dulce, o que no relato deles representava uma visão de algo “alcançável”, algo que eles sonham em frequentar faculdades, algo que eles sonham em conquistar voos mais altos, apesar de todas as dificuldades dentro das escolas públicas e demandas sociais que dificultam esta ascendência social e ter aulas com dois professores de estágio realizando a graduação na UFRGS, uma mulher e um homem PRETOS, falando sobre assuntos atuais que talvez, não sejam tratados em outros espaços, fomentou um sentimento de esperança e movimento dos alunos de se sentirem em nossas aulas compreendidos em suas falas.

Os alunos nos ensinaram muito sobre expectativa e realidade da docência, quando nos mostraram que o planejamento quando composto pelas ideias dos próprios estudantes se tornou mais rico e adequado para o contexto daquele ambiente escolar e quais abordagens seriam mais adequadas para mantermos o entusiasmo nas aulas e mantermos a motivação dos alunos mesmo fora das aulas.

No livro *Ensinando a Transgredir* da autora Bell Hooks (2017), em sua introdução traz a seguinte frase que contempla muito todo o contexto do processo de aprendizagem:

“Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era lugar de êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio de Docência no Ensino Médio foi a minha segunda experiência dentro da escola de aula, a primeira experiência ocorreu em anos atrás, quando participei como professor auxiliar no extinto projeto Mais Educação em aulas de recreação e atividades esportivas no turno contrário das aulas de estudantes, crianças e jovens de 7 a 15 anos em uma escola pública de Porto Alegre, experiência enriquecedora, mas não se compara a experiência do estágio. Apesar de certas semelhanças nas duas experiências, enquanto na primeira eu realmente auxiliava nas atividades e o foco era total nas atividades físicas no estágio eu participava ativamente na elaboração de planos, na questão prática, na observação e principalmente no diálogo com os alunos para criar junto a melhor abordagem para a troca de conhecimento.

O esporte, principalmente o futebol, me acompanha a vida toda, tanto no lazer (assistir ou jogar com amigos), como na área profissional (me tornei jogador profissional e já atuei como treinador auxiliar em escolinhas), mas a educação física escolar mexe comigo. A atmosfera da escola, da troca de conhecimento, da formação de indivíduos que necessitam ter alguém que os escute para entender como podemos melhorar a educação ou a forma de vermos a educação que se molda ou deveria se moldar conforme o tempo, por que os alunos de hoje não são os mesmos de ontem e as demandas sociais de hoje não são as mesmas de amanhã.

Faço-me essa pergunta: como conciliar o esporte e a educação física escolar? E ainda acrescento outra reflexão: Como desvincular a educação física de ser um momento de avaliar gestos motores de seus alunos em suas aulas avaliando o “saber fazer” e/ou “saber executar”? Repetindo que não sou contra o esporte na escola, mas sim contra a forma que ele a anos vem sendo trabalhado como conteúdo principal das aulas de educação física sem uma construção reflexiva sobre o aprendizado daquele esporte e daquele gesto motor.

Acredito em uma transformação da Educação Física escolar, como concluem os autores (GONZÁLEZ ; FENSTERSEIFER, 2009), em seu artigo denominado “Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF (Educação Física) Escolar” :

“Assumir a responsabilidade pela construção do “ainda não” em EF escolar significa pensá-la dentro de um projeto escolar, não cabendo heroísmos pessoais nem disciplinares para “salvar” a escola, a educação ou a sociedade. Assim como a República em uma sociedade democrática é tarefa de todos os envolvidos, também a educação escolar o é, a qual deve ser pensada de modo que articule as diferentes especificidades em torno da tarefa de propiciar às novas gerações um alargamento

em suas compreensões de mundo. Cabe a cada componente curricular fazer isso na especificidade de seus conteúdos, constituindo-se em espécie de “janelas para o mundo.”

Estou me formando agora, acredito que tenho diversas experiências com esporte e com a escola para tentar achar alguma resposta, confesso que na realização deste trabalho, já achei diversas respostas, entre elas encontrei nos métodos do Paulo Freire, uma abordagem para dar voz a quem precisa ser escutado na escola e pode ter a melhor resposta para cada contexto escolar que você está inserido: os alunos.

No âmbito escolar, Wittizorecki (2001, p. 27) afirma sobre “um pouco” do contexto sobre a rotina que o professor de Educação Física na escola:

“O professorado de Educação Física realiza um trabalho nas escolas, ao mesmo tempo, comum a dos outros professores, em função da consonância com os propósitos da instituição escolar; e singular, em função da especificidade dos conhecimentos e das práticas da área. Tal especificidade pode ser facilmente visualizada na natureza dos espaços que os 16 professores de Educação Física utilizam para a sua intervenção, na peculiaridade dos materiais e recursos que esses fazem uso, no trato pedagógico com as manifestações da cultura corporal e com o movimento, e mesmo, nas relações que esses docentes estabelecem com outros professores e com o alunado.”

A metodologia de Paulo Freire descentraliza do professor ao papel de detentor do conhecimento e auxilia na promoção de novas atividades saindo da hegemonia do “quarteto mágico” da Educação Física escolar, colaborando para haver maior interação de alunos na construção de conhecimento em conjunto e a partir do vínculo com os estudantes trazer temas transversais para construir um pensamento crítico auxiliando na formação destes indivíduos que estão inseridos na sociedade, de certa forma, oprimidos por não serem escutados. Sigo acreditando na frase e nos métodos que defende Paulo Freire (1979):

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. (Freire, 1979)

REFERÊNCIAS

- Andrade, E.B., & Devide, F.P. (2006). AUTO-EXCLUSÃO NAS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO SOB ENFOQUE DE GÊNERO. FIEP Bulletin On-line, 76.
- BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na Escola: Mas é só isso professor? - Motriz, Vol. 1, Número 1, Junho de 1999, Pág. 25-31
- BOSSLE, Fabiano. Planejamento de Ensino na Educação Física – Uma Contribuição ao Coletivo Docente. Movimento, Porto Alegre, v.8, n. 1, p. 31 – 39, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 41ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Educação física progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física. São Paulo: Loyola, 1988.
- GONZÁLEZ, F. J. ; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. In: Cadernos de Formação RBCE. Florianópolis, v. 1, p. 9-24, set. 2009.
- HOOKS, BELL. Ensinando transgredir: a educação como prática de liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo : editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério. Formação do professor).

PAES, R. R. Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do Esporte e os Jogos. In DE ROSE JR. D. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 91.

RIO GRANDE DO SUL. Referencial Curricular Gaúcho: Linguagens, v. 1. Secretaria de Estado da Educação: Porto Alegre, 2018.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? .Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SAUL, A.; GIOVEDI, V. (2016). A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE COMO REFERÊNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA PESQUISAR E DESENVOLVER A FORMAÇÃO DOCENTE. Revista e-Curriculum, 14(1), 211-233. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/26570>, acesso em 27/04/2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho De Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº N°11/2013, de 24 de abril de 2013. Esta Resolução dispõe sobre normas básicas da graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bem como sobre o controle e o registro de suas atividades acadêmicas. Porto Alegre: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cepe/resolucao-no-11-2013-de-24-04-2013> Acesso em: 25,abril. 2021.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo nas escolas do Morro da Cruz. Elisandro Schultz Wittizorecki. – Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano.

APÊNDICE A: Plano de ensino – CRONOGRAMA (inicial)

<i>AULA</i>	Datas	CONTEÚDO
1	27/mar	Apresentação dos professores e turma, atividades lúdicas;
2	03/abr	Capacidades Coordenativas: Coordenação motora
3	10/abr	Capacidades Coordenativas: Agilidade
4	17/abr	Capacidades coordenativas: Equilíbrio; Entrega da primeira Auto avaliação
5	24/abr	Discussão sobre o tema da primeira resenha: Machismo no esporte
6	08/mai	Capacidades Condicionais: Resistência Geral Entrega da primeira resenha
7	15/mai	Capacidades Condicionais: Resistência Aeróbia e Resistência Anaeróbia
8	22/mai	Capacidades Condicionais: Velocidade
9	29/mai	Capacidades Condicionais: Flexibilidade
10	05/jun	Capacidades. Condicionais: Força
11	12/jun	Revisão de todos conteúdos
12	19/jun	Prova
13	26/jun	Fundamentos de esportes de invasão
14	03/ jul	Vivências com esporte de invasão: Rúgbi
15	10/jul	Vivências com esporte de invasão: Futebol Americano adaptado
16	17/jul	Discussão sobre o tema da segunda resenha: De que forma o esporte influencia o bem-estar corporal?
17	24/jul	Atuações do professor de Educação Física dentro e fora da escola; Vivências com fundamentos de lutas e suas origens: Capoeira (professor convidado) <input type="checkbox"/> Entrega da segunda resenha <input type="checkbox"/>
18	31/jul	Vivências com fundamentos de uma aula de dança (professor convidado)
19	07/jul	Discussão sobre o tema da terceira resenha: Esporte e padrões de beleza
20	14/jul	Vivências com a educação postural na escola (professor convidado) Entrega da terceira resenha
21	21/jul	Revisão de notas; PROVA DE RECUPERAÇÃO. Segunda Auto avaliação
22	28/jul	Gincana final